

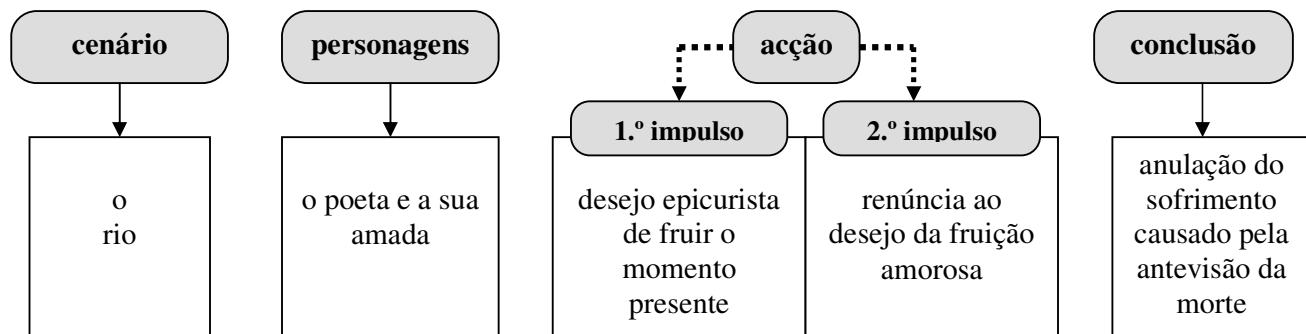


## ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CEB DE LOUSADA

“Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio”

**RICARDO REIS**

### 1. Mensagem do Poema (esquema)



2. Tema(s) segundo Ângelo Crespo in *Estudos de Fernando Pessoa*, há, neste poema, os seguintes temas:

- a) o rio como imagem da vida que passa [ “(...) *fitemos o seu curso e aprendamos / Que a vida passa (...)*”];
- b) a vida vai para lá dos deuses [ “(...) *para ao pé do Fado / Mais longe que os deuses.*”];
- c) a infância é a idade ideal [“*crianças adultas (...) Nem fomos mais do que crianças.*”];
- d) o ideal de uma vida passiva e silenciosa [ “*Sem amores, nem ódios, nem paixões que levantam a voz*”];
- e) o amor ideal, não realizado carnalmente [ “(...) *mais vale estarmos sentados ao pé um do outro / Ouvindo o rio e vendo-o.*”];
- f) a carência de ideias dogmáticas e filosóficas como meio de manter-se puro e sossegado [ “(...) *não cremos em nada, / Pagãos inocentes da decadência.*”];
- g) o próprio paganismo [“*pagãos*”].

3. Assunto idílio amoroso do sujeito poético com a mulher amada à beira do rio. A frequência do **imperativo** e da 1.ª pessoa do **presente do conjuntivo**, com o sentido exortativo, põem em evidência a função apelativa da linguagem, que predomina ao longo do poema. O sujeito poético procura “converter” a mulher amada à sua filosofia de vida, julgando construir, assim, a dois, a felicidade possível. No final, chega à conclusão que o melhor será fazer uma contenção estóica das emoções (isto é recusar o prazer) para não sofrer.

#### 4. Símbolos presentes no poema:

- “rio” / “barqueiro” vida / morte: alusão ao barqueiro mitológico, Caronte, que transportava os mortos, através do rio Letes;
- “enlaçar” / “desenlaçar” as mãos amar / não amar;
- “Fado” força inexorável, superior aos próprios deuses;
- “flores” vida (na sua efemeridade) e o ideal da *aurea mediocritas*;
- “sombra” morte

Todos estes símbolos estão relacionados com o assunto do poema: **evitar o prazer, para evitar a dor.** Apontam para o inexorável, para a fatalidade inevitável que a todos reserva o “Fado”.

#### 5. Divisão do poema nas suas partes lógicas 4 momentos

##### 1.º momento (estrofes 1 e 2) a precariedade, fugacidade da vida:

- a metáfora do rio e do correr da água, exemplo da passagem inexorável do tempo;
- a inutilidade de qualquer compromisso;
- a necessidade do predomínio da razão sobre a emoção, como uma defesa contra o sofrimento;
- a presença de elementos clássicos: o ambiente bucólico, o nome “Lídia”, o papel do “Fado”.

##### 2.º momento (estrofes 3 e 4) a inutilidade de qualquer compromisso:

- o enlaçar e desenlaçar as mãos como símbolo da recusa de qualquer compromisso;
- a recusa consciente de todo e qualquer excesso (amores, ódios, paixões, invejas, cuidados);
- a morte como a única certeza do percurso existencial (“... o rio sempre correria, / E sempre iria ter ao mar”).

##### 3.º momento (estrofes 5 e 6) a procura da serenidade:

- o estabelecer de um programa de vida: a vida deve ser vivida de forma serena e calma, devemos deixá-la “passar” à nossa frente, controlando as nossas emoções e sentimentos;
- a recusa do amor sensual, porque ele é motivo de sobressalto.

##### 4.º momento (estrofes 7 e 8) a aceitação da morte:

- a aceitação pacífica da morte é consequência da “demissão” do “eu” perante a vida. Assim, a morte não deve ser motivo de sofrimento, porque nunca se “viveu” e, precisamente, porque a vida passa, não devemos assumir compromissos, devemos procurar apenas a tranquilidade.

## 6. Programa de vida implícito no texto Epicurismo triste e Estoicismo



O **Epicurismo** e a sua máxima (o *carpe diem*) consideram o prazer como o mais alto dos bens, defendendo viver o dia-a-dia de forma intensa, factos que divergem da **moral estoica** que proclama que a virtude, a disciplina e a razão devem orientar a conduta humana.



Assim, poder-se-á afirmar que a poesia de Reis sintetiza, de forma original, duas escolas à partida antagónicas: para Reis, a vida deveria ser vivida dia-a-dia, mas de forma contida e controlada. Não esqueçamos que Reis considera Caeiro o seu mestre, procurando imitá-lo na sua calma aceitação da realidade. No entanto, enquanto que Caeiro aceita a vida instintivamente, Reis só o consegue devido a um enorme esforço de autodisciplina.

## 7. Aspectos formais, onde se notam influências do Classicismo:

- a forma estrófica (ode) e métrica;
- traços latinizantes da sintaxe;
- arcaísmos vocabulares.

## 8. Ideologia do poema (e de Ricardo Reis) em confronto com a ideologia de Caeiro e de Pessoa-ortônimo

### 8.1. Ricardo Reis e Caeiro

O único pormenor que liga a ideologia deste poema a Alberto Caeiro é a contemplação da natureza.

Mas logo nas duas primeiras estrofes se verifica que as perspectivas de contemplação dos dois poetas são diferentes:  
→ **Reis vê a natureza com a inteligência** (daí os verbos que traduzem operações mentais, como “aprendamos”, “pensemos”).

→ **Caeiro vê a natureza com os sentidos**, pois, para ele, há apenas sensações.

**Reis e Caeiro só estão de acordo** em aceitarem, sem reservas, aquilo a que os poetas romanos chamavam a *aurea mediocritas*, que se pode traduzir por “áurea mediania”, isto é, o apreço pela vida em contacto com a Natureza.

## 8.2. Ricardo Reis e Pessoa-ortónimo

Neste poema podemos ver mais analogias com a poesia do ortónimo do que com a de Caeiro:

- em primeiro lugar, e numa visão de conjunto, o facto de se estabelecer aqui uma norma de vida, ou uma ética calculada, isto é, organizada intelectualmente, coloca logo o texto numa esfera de predilecção de Pessoa, o poeta da inteligência, o poeta que sobrepõe a razão ao coração.
- As próprias ideias do “rio”, como símbolo de passagem da vida; da infância como idade ideal estão presentes na poesia do ortónimo. O mesmo acontece com os versos dirigidos a uma mulher (em F. Pessoa, podemos ver isto, por exemplo nos versos: “Quero-te para sonho / não para te amar”), que, em Reis, são sempre a expressão de um amor platónico.
- A carência de ideias dogmáticas (a ausência da fé), que, em Reis, por exemplo, se revela nos versos “(...) não cremos em nada, / Pagãos inocentes da nossa decadência”, está bem clara neste verso do ortónimo: “Não procures nem creias: tudo é oculto!”.
- Finalmente, ambos têm, em comum, o paganismo: Reis, quando diz “a vida vai para lá dos deuses”, ou “Pagãos inocentes...”; e Fernando Pessoa, quando, numa carta a Adolfo Casais Monteiro, fala do seu “paganismo essencial”.